

O BINÔMIO MILHO-PORCO E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM RURAL DO OESTE DE SANTA CATARINA (DÉCADAS DE 1920 A 1960)

SOLEANDERSON RADETSKI CARVALHO DA SILVA^{1,2*}, MARLON BRANDT^{2,3}

1 Introdução

A pesquisa tem por objetivo analisar a introdução do binômio milho-porco e a transformação da paisagem rural do Oeste de Santa Catarina a partir de sua difusão entre os anos de 1920, quando tem início a colonização na região, até a década de 1960, em um contexto marcado pela modernização agrícola e a consolidação do setor agroindustrial de carnes.

Por paisagem a pesquisa compreende que esta seja o que Santos (2006, p. 103) define como “o conjunto das formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza” e que expressam uma imbricada relação envolvendo “objetos naturais e objetos fabricados, isto é, objetos sociais”, bem como ações em variadas escalas temporais (Santos, 2004, p. 53).

Antes mesmo da colonização a suinocultura já era uma atividade presente na região, acompanhando o processo de povoamento da região pela população cabocla⁴, desde pelo menos a segunda metade do século XIX. Os animais eram criados soltos em meio a floresta, com pouco manejo e de forma extensiva na floresta. A colonização vai promover um processo de ruptura dessa forma de criação, a partir da década de 1920 quando as florestas paulatinamente cederam lugar às lavouras e serrarias, levando essa prática ao fim (Renk 2006, Brandt 2023). A criação de porcos, contudo, não foi abandonada, sendo também praticada pelos colonos recém-chegados, porém com os animais criados de forma fechada, onde a adoção do binômio milho-porco viabilizou a criação dos animais.

1 Graduando em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: soleanderson.silva@estudante.uffs.edu.br

2 Grupo de Pesquisa: Fronteiras: Laboratório de História Ambiental da UFFS

3 Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. **Orientador**.

4 Para Machado (2004, p. 48) seriam caboclos os habitantes pobres do meio rural. Mesmo que, conforme o autor, “não haja uma conotação étnica nesta palavra, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negro. Mas a principal característica desta palavra, é que distingue uma condição social e cultural, ou seja, são caboclos os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões”.

2 Objetivos

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a prática da suinocultura e a transformação da paisagem do Oeste de Santa Catarina, através da adoção do binômio milho-porco, entre as décadas de 1920 e 1960.

3 Metodologia

A pesquisa baseou-se em um diálogo entre a História Ambiental e a Geografia Histórica, tendo a paisagem como fio condutor da análise desse processo considerando o papel e o lugar da natureza na vida humana no passado (Worster, 1991, Freitas 2007). Ao se introduzir, como ressalta Philo (1996, p. 270), uma “sensibilidade geográfica”, ao estudar “fenômenos do passado – econômicos, sociais, políticos ou qualquer outro – que são a própria ‘substância’ da história”, esse diálogo traz também uma nova perspectiva de análise a muitas fontes, que já são comuns ao ofício do historiador como ressalta Drummond (1991). Foram, para isso, pesquisadas fontes tais como os censos e imagens do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e pesquisas em artigos científicos e livros sobre a temática tratada.

4 Resultados e Discussão

A criação de porcos no Brasil acompanhou o processo de ocupação territorial do continente promovido por portugueses e espanhóis, sendo um elemento comum nas paisagens rurais desde então (Brandt, 2023). O mesmo verificou-se durante a colonização que se iniciou a partir da década de 1920 na região Oeste de Santa Catarina. Conforme Lago (1988, p. 289), a dimensão dos lotes coloniais, com aproximadamente vinte e cinco hectares, aliado ao relevo íngreme dos vales dos rios da região, como o Uruguai, Chapecó, Irani e do Peixe, por exemplo restringiam a criação de animais como o gado bovino. Dessa maneira a criação de suínos de forma confinada surgiu como uma possibilidade de renda aos colonos, pois era compatível com a dimensão de suas propriedades, desde que fosse adotado binômio milho-porco, com as lavouras formadas nas florestas recém-devastadas. Esse binômio já era observado em outras áreas de colonização, como em Urussanga e no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, da mesma forma que era identificado no meio-oeste norte-americano e na porção norte dos pampas argentinos, onde já se constatava “a eficácia do enlace entre o mais notável cereal do Novo Mundo e a espécie porcina”.

A produção desses animais era destinada inicialmente aos frigoríficos locais que se instalavam nos centros urbanos. O crescimento regional de muitas dessas empresas a partir da década de 1950, reorganizou o sistema produtivo da região tornando-se a partir de então o seu principal ramo econômico, promovendo o aumento da demanda local de matéria-prima animal e por consequência a demanda por milho para a alimentação dos suínos.

Conforme apontam Brandt e Carvalho (2023) a produção agrícola regional consistia basicamente no milho, feijão, trigo e mandioca. A soja só começaria a aparecer timidamente no censo de 1960, quando ainda constava no item “produção de outras culturas temporárias”. Na Tabela 1 é possível acompanhar o gradual aumento da produção de milho, acompanhando a expansão da suinocultura.

Tabela 1 – produção de milho e rebanho suíno no Oeste catarinense (1920-1960)

	1920	1940	1950	1960
Milho (ha)	3.921	-	115.230	198.238
Porcos (cabeças)	32.055	246.542	678.023	1.252.831

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1952, 1956, 1967); Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio (1923).

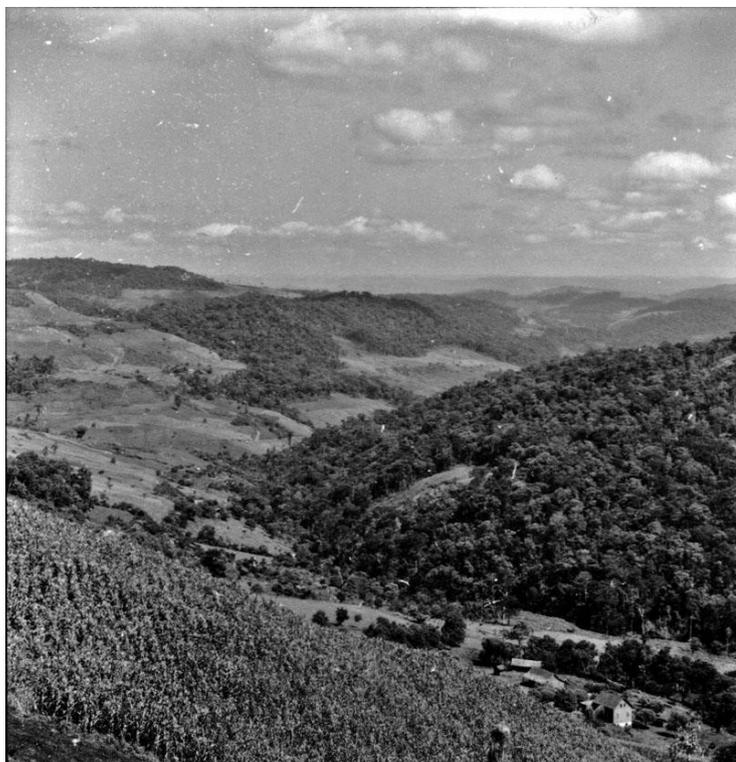
Nas imagens das Figura 1 e 2 é possível observar a presença do binômio na paisagem rural da região.

Figura 1 – Porcos criados pelos colonos em Chapecó (Colônia Cella, década de 1940)



Fonte: Entre Trilhas e Caminhos, 2022.

Figura 2 – Plantação de milho, ao fundo, reserva de mata. Xaxim, em 1966



Fonte: Chagas e Domingues, 1966.

A presença de milharais próximo a mangueiras e chiqueiros tornou-se um dos elementos mais comuns na paisagem rural da região, sendo presente ainda nos dias atuais.

5 Conclusão

Ao analisar os efeitos da colonização da região e implementação da suinocultura no Oeste Catarinense entre 1920 e 1960 foi possível notar transformações profundas na paisagem a partir de práticas como a devastação da floresta nativa para implementação de lavouras e a adoção do binômio milho-porco. Verificou-se que nesse período o Oeste Catarinense foi marcado pela transição de práticas tradicionais desenvolvidas pelos caboclos para um modelo de exploração mais intensivo e comercial da terra, o que se verificou também na suinocultura, com os animais criados fechados, em mangueiras ou chiqueirões. A história da suinocultura e colonização da região mostra como são desenvolvidas as dinâmicas econômicas e políticas, e como estas podem moldar a utilização dos recursos naturais e alterar a relação que o ser humano possui com o meio ambiente.

Referências Bibliográficas

- BRANDT, Marlon. Porcicultura en un espacio fronterizo: imágenes y paisajes (Oeste del Estado de Santa Catarina, Brasil; décadas de 1920 a 1950). **Estudios Rurales**, v.13, n.27, 2023.
- BRANDT, Marlon; CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Suinocultura e antropização da Floresta Ombrófila Mista do Oeste de Santa Catarina (décadas de 1910 a 1950). **Estudos Históricos**, v. 36 n. 80, 2023.
- CHAGAS, Hernondino; DOMINGUES, Alfredo José Porto. Plantações de feijão, soja e milho, vendo-se ao fundo reserva de mata, no município de Xaxim (SC). 1966. 1 fotografia. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=422193>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8. 1991.
- FORNECK, Elisandra; LUBENOW, Aline Maisa. *Entre trilhas e caminhos*. Disponível em <<https://pt.calameo.com/read/0054163950c3b957f8aa2>>. Acessado em 20 de julho de 2022.
- FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão. **Geo UERJ** - Ano 9, nº 17, vol. 2, 2º semestre de 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral do Brasil (1º de Setembro de 1940)**. Série Regional, parte XIX – Santa Catarina. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
- _____. **Estado de Santa Catarina: censos econômicos**. Série Regional, v. XXVII, Tomo II. Rio de Janeiro: [s.n.], 1956.
- _____. **Censo Agrícola de 1960: Paraná e Santa Catarina**. VII Recenseamento Geral do Brasil. V. II, Tomo XII, 1ª parte. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1967.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Unicamp, 2004.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Recenseamento do Brasil (Realizado em 1º de setembro de 1920)**, Volume III, 1ª Parte. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1923.
- PHILO, Chris. História, geografia e o “mistério ainda maior” da geografia histórica. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham (orgs). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006.
- SANTOS, Milton. Santos, M. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo: EdUsp, 2004.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.

Palavras-chave: História Ambiental; suinocultura; paisagem.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2023 - 0031

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq